

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6665 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

A TERRA TRISTE: REPRESENTAÇÕES INFANTIS DA PANDEMIA COVID 19

Riva Resnick - UFRPE/Fundaj

Patrícia Maria Uchôa Simões - Fundação Joaquim Nabuco

Mariana Uchôa Simões - Fundação Joaquim Nabuco

A TERRA TRISTE: REPRESENTAÇÕES INFANTIS DA PANDEMIA COVID 19

1. INTRODUÇÃO

A infecção pelo coronavírus COVID-19 revelou-se uma pandemia que provocou mudanças nos cotidianos dos indivíduos, nas dinâmicas sociais locais e globais, nas relações entre pessoas e entre países, que podem ser estudadas em suas múltiplas dimensões pelas implicações políticas, sociais e econômicas que trouxeram e ainda trarão para a vida em sociedade.

Do ponto de vista do comportamento social, a pandemia provocou pânico, com a corrida aos supermercados e drogarias, e o isolamento social mudou radicalmente o cotidiano das famílias. O fechamento do comércio e das instituições, cujas atividades não são consideradas essenciais, mudou a forma das pessoas trabalharem, bem como abriu novas possibilidades de atividades e de serviços. Em isolamento, o trabalho desenvolvido em casa aproximou as gerações e o convívio na família criou novas formas de interação.

Para as crianças, a suspensão das aulas nas escolas, a reclusão nas residências e a convivência familiar muito mais intensa possibilitou novas experiências e conhecimentos, além de criar novas formas de desenvolvimento de capacidades e habilidades. Os processos educativos passaram a ser visibilizados como uma responsabilidade maior das famílias que haviam *terceirizado* essa função para as escolas e os profissionais de educação.

Aliado a essas mudanças, o isolamento social aumentou a exposição das crianças a casos de violência doméstica e riscos associados a casos de negligência de cuidados e proteção.

Como decorrência dessas e outras situações em que as diferentes infâncias estão inseridas, sentimentos como o medo, a ansiedade e o estresse passam a ser comuns nas realidades dos

mundos infantis.

Mesmo considerando que o isolamento social ocasionado pela pandemia tem consequências e significados completamente variantes dependendo do meio social e da construção subjetiva de cada criança, toda essa problemática nos faz compreender que a crise do Covid 19 vem afetando diretamente as crianças nos seus direitos básicos à educação, mobilidade, participação social e proteção.

As investigações sobre a pandemia têm direcionado maiores atenções à pesquisa nas áreas da infectologia, saúde pública e tecnologia da saúde pelas necessidades urgentes de combate à propagação do vírus e tratamento das pessoas infectadas, mas a pesquisa social e, em especial, a pesquisa na área educacional, é urgente e precisa refletir as condições de ensino e aprendizagem das crianças, profissionais de educação e famílias. Essas condições envolvem as vivências e experiências que todos estamos tendo para significar esse momento na história da humanidade. O estudo de como essas formas de representação irão se constituir podem auxiliar na redefinição das estratégias de ensino e nas orientações para as famílias e profissionais da clínica infantil. Portanto, a importância da investigação dessa temática está na contribuição que a pesquisa pode oferecer aos professores, psicólogos e demais profissionais que atuam direta ou indiretamente com as infâncias nas escolas, nas clínicas, com as famílias, etc.

Diante disso, esta pesquisa tem como foco o estudo das vivências, percepções e representações que as crianças até os 12 anos apresentam da pandemia e das mudanças por ela acarretadas em seus cotidianos. Propõe-se um estudo internacional configurando uma pesquisa qualitativa tendo as crianças e suas famílias como co-pesquisadoras dentro de uma configuração de redes adequada a realidade de isolamento social estabelecido pela pandemia. Iniciamos delimitando a fundamentação teórica que guia este recorte da pesquisa. Na seção seguinte, anunciamos os caminhos metodológicos percorridos para, em seguida, expor a análise dos dados selecionados dentro do conjunto de informações disponíveis. Por fim, realizamos uma reflexão sobre a análise apresentada.

2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS DO ESTUDO

A pesquisa tem como base a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, mais especificamente seus estudos sobre emoções e vivências no desenvolvimento infantil, e a perspectiva dos novos estudos sociais das infâncias, com a compreensão da agência da criança e sua capacidade de construir conhecimentos, relações interpessoais e culturas.

Esta abordagem abre espaço para construção de conhecimentos dentro de uma perspectiva epistemológica crítica, compreendendo as crianças como sujeitos produtores do meio, com opiniões e percepções relevantes do mundo que as rodeia.

Para Vigotski, há uma unidade entre elementos internos e externos ao sujeito que se constitui na vivência (*perezhivanie*), ou seja, um campo de conflitos, entre o funcionamento psíquico, interno, e a linguagem, externo. Esse conceito refere-se às formas como uma pessoa experiencia as interações em seu meio e envolve processos conscientes e inconscientes, racionais e irracionais (VIGOTSKI, 1988; 1998; 2001; 2003; 2018).

Em uma direção que se articula com essa abordagem, a perspectiva dos estudos sociais da

infância considera a criança como sujeito, ou seja, tem agência sobre seu meio, seu desenvolvimento, suas interações e é capaz de ressignificar e reinterpretar as informações e os conhecimentos que lhes são apresentados pelos adultos (CORSARO, 2009; 2011; SARMENTO, 2004; 2005; 2013; 2015).

Assim, adotamos uma perspectiva que busca romper com dicotomias como mente e corpo, cognição e emoção, indivíduo e coletividade, micro e macro, enfim, propomos uma análise que considere o fenômeno em sua transdisciplinaridade e integralidade. As vivências e experiências relatadas pelas crianças deste estudo serão compreendidas como particulares dentro de um contexto local, regional e global, como representações de emoções que se inscrevem em um corpo que, por sua vez, está constituído em uma cultura.

Esperamos trazer para o debate elementos que nos auxiliem à compreensão da complexidade nas vivências das crianças nesse momento que talvez corresponda à experiência mais universal que a humanidade já vivenciou.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi solicitado às famílias que estão em isolamento social, produções das crianças em desenhos, narrativas em textos, audios vídeos que representem suas vivências e percepções das situações do cotidiano e de sua compreensão sobre a pandemia.

No presente estudo, recortamos algumas produções das crianças em desenhos, por vezes, com a sua explicação em áudio, entre todas as produções que recebemos.

Para Sarmento (2011), sendo uma representação que aparece antes da ligação oral e escrita, o desenho é uma forma de comunicação com referenciais distintos e além do que a linguagem pode falar e, numa perspectiva sociológica, inscreve-se na produção simbólica de um grupo social.

Vygotsky (1988, 1999, 2010) compreende que a figuração gráfica reflete o conhecimento da criança sobre sua realidade conceituada. No entanto, a importância não está no produto, mas sim na significação que a criança atribui ao próprio processo de desenhar. Sendo assim, o desenho infantil é uma forma de expressão da imaginação criadora do homem.

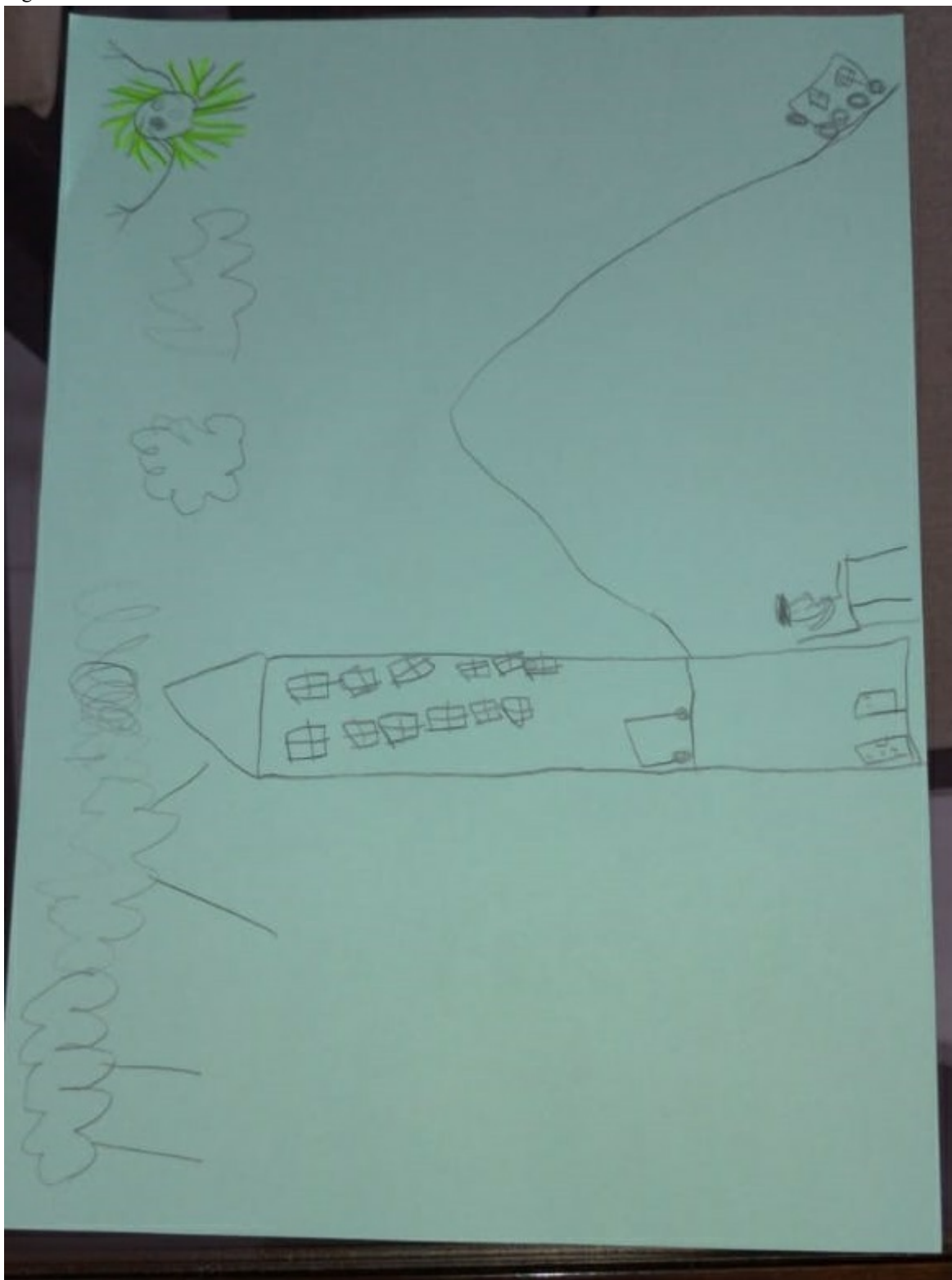
Dessa forma, a metodologia selecionada consiste na escuta das expressões das crianças desde seus locais de isolamento social. Para tal, contamos com a colaboração das famílias que receberam orientações de como proceder no momento dos registros das crianças, bem como, solicitamos que os responsáveis pelas crianças assinassem um termo de consentimento para a autorização da participação das crianças. As crianças também foram indagadas sobre o seu desejo de participar da pesquisa. Apenas foram incluídas na pesquisa aquelas produções que foram expressamente autorizadas pelas crianças e pelos seus responsáveis.

Para o presente estudo, foram analisados 5 desenhos do banco de dados que ainda está sendo construído. A escolha dos desenhos para o presente trabalho se deu considerando um dos eixos de análise da pesquisa maior: o eixo de análise relativo à compreensão da criança sobre a situação de isolamento social no que se refere à cidade e a família.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

O desenho de um menino de 7 anos, a seguir, retrata uma cena em que não há pessoas, com exceção de uma pessoa que estaria do lado de “fora”, na rua.

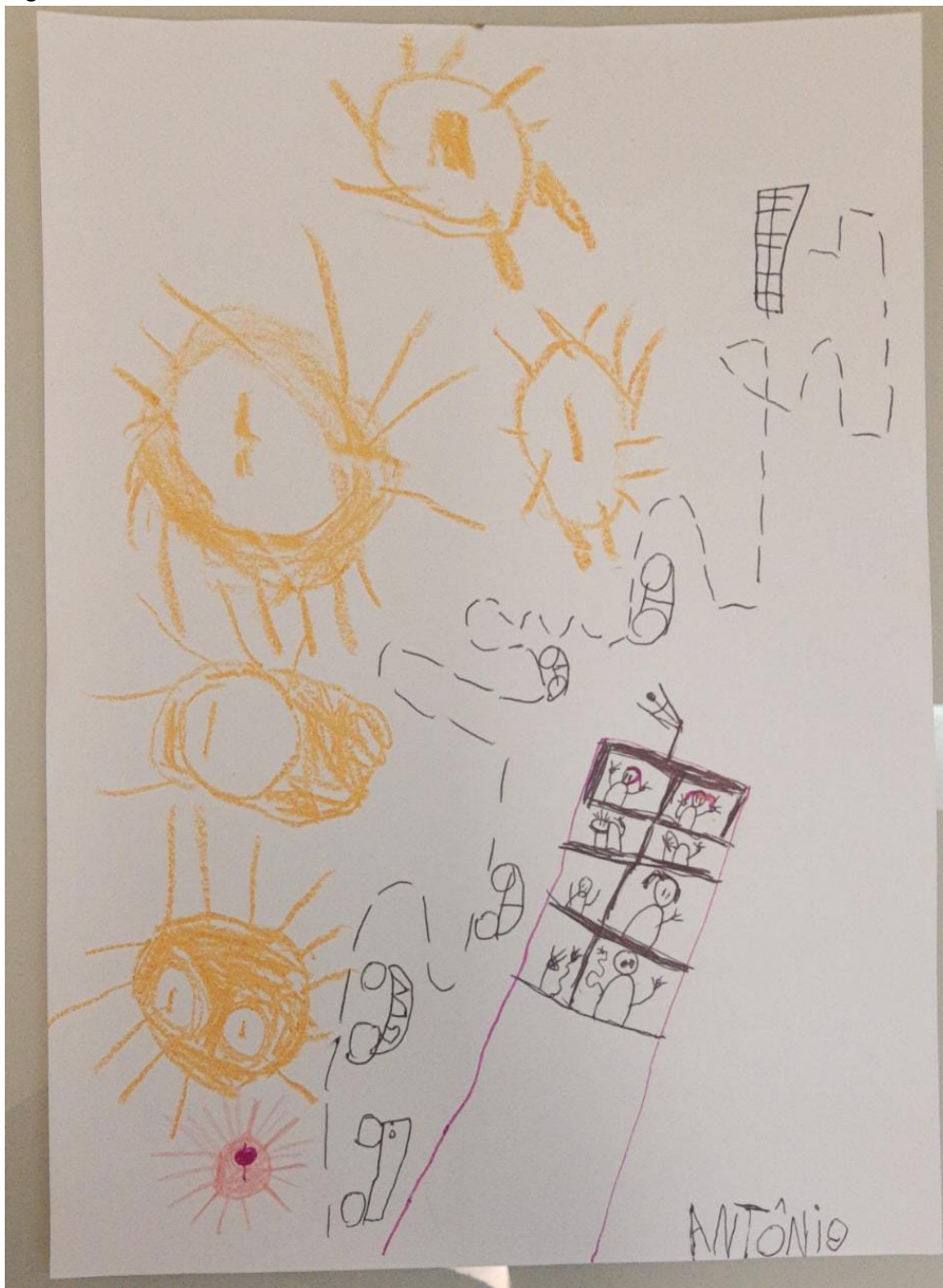
Figura 1



Fonte: Banco de dados da pesquisa (Marcelo, 7 anos)

A criança enfatiza o esvaziamento das ruas, onde é desenhado um único carro. Também desenha nuvens, árvores e o sol que formam o cenário. A ameaça do vírus parece representada pelo sol e está localizada fora das residências. Talvez, o desenho expresse o poder de alcance do vírus que, como o sol, é inalcançável e está presente em todos os lugares. No desenho a seguir, feito por um menino de 6 anos, observa-se, também, uma cena urbana, com elementos que envolvem pessoas, edificações e objetos, além de representações do vírus.

Figura 2



Fonte: Banco de dados da pesquisa (Antonio, 6 anos)

No seu desenho, a criança narra sua experiência na pandemia, ressaltando pessoas em isolamento nos seus apartamentos e a paisagem que vê da janela: ruas e carros. Nessa paisagem, também representa o que não vê: os vírus.

Assinalamos, aqui, a forma da criança representar o isolamento, como uma vivência individual. Não são retratadas grupos de pessoas em convivência. No entanto, cada pessoa está na mesma condição. Nessa perspectiva, apresenta sua visão da cidade e retrata o isolamento como fenômeno que atinge a todos igualmente, apesar de cada indivíduo estar em separado dos outros.

Por outro lado, apresenta, também, sua compreensão da ameaça do vírus como algo que está presente nas ruas da cidade, fora das casas e apartamentos. Portanto, as pessoas aparecem como estando protegidas dentro dos apartamentos. Não há pessoas nas ruas, dessa forma, a

ameaça está controlada pelo isolamento.

De forma diferente, o terceiro desenho apresenta várias casas com pessoas dentro, geralmente grupos de pessoas e, em uma das casas, apenas uma pessoa é retratada.

Figura 3



Fonte: Banco de dados da pesquisa (Tarcila, 7 anos)

O isolamento é ressaltado como vivência em grupos que se isolam de outros grupos. Alguns desses grupos podem representar famílias, pois parece haver pessoas de diferentes fases geracionais. Também podemos observar pluralidade nessas configurações grupais, com variações de gênero e número de habitantes em cada uma dessas residências.

As pessoas têm cor nos rostos e nas roupas, nas outras partes do corpo, apenas o traço que delimita o desenho. Pode ser um realce à comunicação entre as pessoas. A cor das vestimentas tende a ser a mesma em cada casa, talvez indicando o pertencimento ao grupo familiar.

Em uma das casas, abaixo, à direita, há o desenho de uma pessoa deitada: dormindo, doente? As outras pessoas retratadas parece olhar para a mesma direção da pessoa deitada, num tipo de atenção compartilhada, convergente para o mesma situação.

Acima, com telhado diferenciado, pessoas deitadas. Mortas? De forma diferente, a cor

utilizada é o verde o que mostra alguma distinção das outras edificações.

As representações dos vírus encontram-se fora das moradias da mesma forma que nos demais desenhos, no entanto, diferentemente dos anteriores, parece atingir as pessoas, causando a doença e a morte.

Nos dois desenhos seguintes, a representação da pandemia desloca-se de uma representação de vivências de indivíduos e grupos de indivíduos, situações do cotidiano para a representação de um fenômeno mundial, expresso no desenho do planeta Terra. As pessoas não aparecem e dão lugar ao globo terrestre.

Figura 4

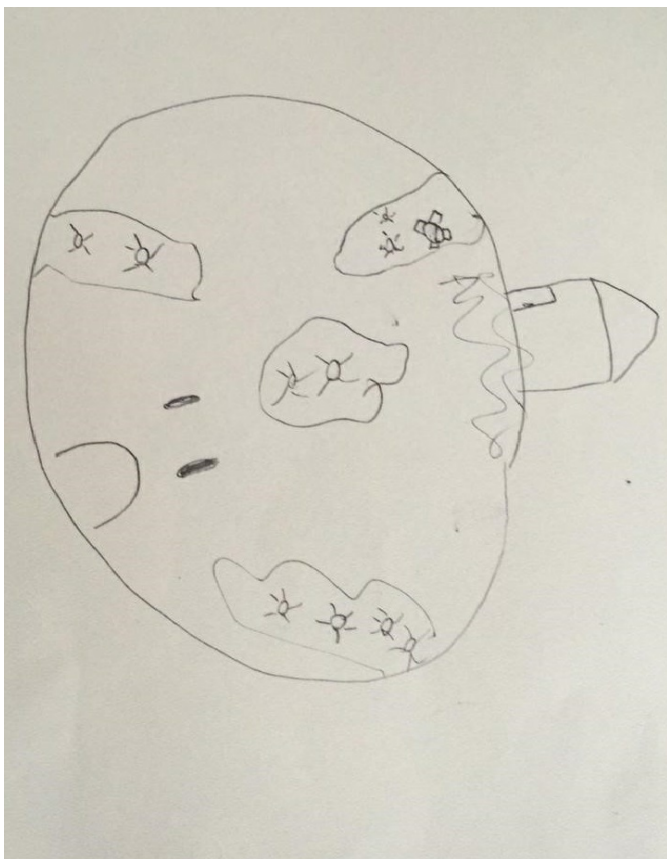


Fonte: Banco de dados da pesquisa (Monique, 12 anos)

Acima, o globo terrestre está dividido em duas partes: em um lado, fábricas, desmatamento, poluição, em outro, vegetação e oceanos. Nota-se uma descrição gráfica de uma perspectiva ecológica situando a pandemia mundialmente. Cores escuras, marrom e vermelho, associadas à destruição e à doença. A natureza preservada é associada ao verde e azul, associada à vida e saúde. Percebe-se, pois, a preocupação da criança com o impacto da pandemia na dimensão global e assim como a expressão de sua opinião a respeito de temas complexos como as relações entre a sociedade e a natureza. Talvez, também, esteja a intenção de localizar as causas da pandemia nas agressões sofridas pela natureza.

O último desenho que analisamos neste estudo, de forma semelhante, apresenta essa perspectiva global da pandemia com a imagem do planeta Terra.

Figura 5



Fonte: Banco de dados da pesquisa (Helena, 7 anos)

A expressão de tristeza na expressão facial do planeta evidencia o sentimento de que esse sofre o ataque do vírus e compartilha do sofrimento humano. Percebe-se que parece haver a localização da presença do vírus em todos os continentes globais. Não há pessoas, nem elementos da natureza, mas há uma casa talvez representando o isolamento social. As pessoas não estão representadas mas o sentimento e a emoção delas estão representados no planeta.

5. CONCLUSÕES

As narrativas gráficas analisadas revelam a tristeza, o medo, a doença e a solidão. As crianças autoras mostram o fenômeno global e o sentimento universal da humanidade na luta contra o adversário comum.

A cidade vazia expressa a ameaça e o medo. A segurança está dentro das casas e na solidão do isolamento. Não há referências a formas de enfrentamento e de proteção. Mesmo dentro das casas, as pessoas podem ser atingidas, a doença e a morte são representadas dentro das casas.

As crianças percebem e articulam o local e o global, a pandemia e as questões ecológicas e de cuidado com o meio ambiente. Atribuem causalidade e compreendem as consequências dos ataques à natureza. O planeta compartilha com os seres humanos a experiência de tristeza e sofrimento.

As narrativas apresentam a compreensão das crianças sobre a pandemia e o isolamento social e demonstram a sua condição de sujeito de interpretar e reinterpretar os discursos que chegam das mídias e dos adultos.

REFERÊNCIAS

CORSARO, William Arnold. Reprodução interpretativa e cultura de pares. *In*: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas infantis nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos**: perspectiva sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, vol.26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In*: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patricia Dias (Orgs.). **Das Pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. *In*: ENS, Romilda Teodora; GARANHANI, Marynelma Camargo (Orgs.) **Sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat Editora, p.13-46, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, 31-49, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2018.